
INTRODUÇÃO

EGIPTOLOGIAS EM CONTEXTOS LUSO-BRASILEIROS

LUIZA OSORIO G. SILVA*, GUILHERME BORGES PIRES**, INÊS TORRES***, RENNAN LEMOS****

Recentemente, discussões na Egiptologia começaram a se concentrar mais no desenvolvimento da disciplina e, principalmente, em como ela deve avançar nos próximos anos. Uma parte importante desse desenvolvimento precisa ser a inclusão de estudos produzidos fora dos chamados “centros” egiptológicos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, não apenas por uma questão de inclusão, mas também por seu potencial de modificar a Egiptologia — uma disciplina colonial, conservadora e insular que dialoga pouco com as ciências sociais. Discussões recentes com o intuito de decolonizar a disciplina têm apontado abertamente para esses problemas.¹ Adicionar vozes diferentes daquelas apresentadas em estudos convencionais escritos nos centros de conhecimento/poder acadêmico é crucial para, se não decolonizar a disciplina, pelo

* Universidade da Califórnia, Irvine, EUA.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1848-3445>. E-mail: luiza.ogsilva@uci.edu.

** CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3923-5638>. E-mail: guilhermepires@fsh.unl.pt.

*** CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8201-3627>. E-mail: inestorres@fsh.unl.pt.

**** Universidade de Durham, Reino Unido.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1803-7173>. E-mail: rennan.lemos@durham.ac.uk.

¹ Tentativas de decolonizar, ou, pelo menos, criticar o passado colonial da Egiptologia são raras; ver por exemplo: Jurman 2022; Lemos 2023; Langer e Matić 2023. Em uma disciplina colonial como a nossa, não é surpreendente que haja posturas altamente reacionárias, conservadoras e abertamente contrárias a quaisquer tentativas de decolonizar este campo do conhecimento; e.g., Gertzen 2020 (publicado em um periódico insular, *Göttinger Miszellen*).



menos torná-la um ambiente mais interessante do ponto de vista teórico (ver Moreno García 2014). Ao mesmo tempo, tentativas de contornar o caráter colonial da disciplina por meio da produção de narrativas “inclusivas” falham totalmente ao incluir vozes dissonantes. Este é o caso de um volume recente, intitulado *Addressing Diversity: Inclusive Histories of Egyptology*, que busca explorar o que chamam de “coadjuvantes” da produção egiptológica ao longo do tempo (Navratilova et al. 2023). Já no primeiro parágrafo do prefácio dos/as organizadores/as do volume pode-se ler uma crítica velada a tentativas de decolonizar a Egiptologia:

[the book] strives to offer a platform for a broader history of the discipline, rather than subscribing to a set agenda of research. It does, however, aim to promote paradigms in disciplinary history and broader history of the discipline by providing a forum for wide-ranging, standalone investigations. By that we mean standards and responsibility entailed in historical scholarship. (Navratilova et al. 2023, 9)²

Em um contexto de disputas no âmbito da Egiptologia como disciplina, vozes periféricas são usualmente excluídas dos principais projetos e publicações, como ficou explícito na publicação da obra *A History of World Egyptology* (Bednarski et al. 2021). Apesar do título, a obra tem muito pouco de “mundial”, continuando a privilegiar os centros de poder acadêmico. No que diz respeito ao caso lusófono, é notória a falta de Portugal e do Brasil — apesar de este último ter sido citado na introdução, não pareceu necessário aos organizadores da obra incluir um capítulo inteiro sobre o país. Isso demonstra que há conhecimento da Egiptologia brasileira, mas

² “[o livro] oferece uma plataforma para uma história disciplinar mais abrangente, em vez de seguir uma agenda definida de pesquisa. Porém, [o volume] propõe-se a promover paradigmas na história disciplinar e na história mais ampla da disciplina, fornecendo um fórum para investigações autônomas e abrangentes. Com isso queremos dizer padrões e responsabilidades implicados na bolsa de estudos histórica” (tradução dos autores).

que talvez a mesma não seja considerada relevante em um contexto disciplinar que segue sendo pautado por perspectivas e práticas coloniais.³

Ao mesmo tempo, em contextos periféricos, como é o caso lusófono, há quem defenda um *modus operandi* eurocêntrico, tradicional, mesmo que pouco desse modo de proceder encontre ecos nas realidades sociais do Brasil e de Portugal.⁴ Pelo contrário, os editores deste livro e autores desta introdução defendem que se deve dar ênfase a diferentes vozes, ao invés de buscar moldar tais estudos “periféricos” de acordo com moldes “dominantes”, implícita ou explicitamente considerados superiores. A diversidade de opiniões no que diz respeito ao(s) futuro(s) da(s) Egiptologia(s) lusófona(s) e como este(s) deve(m) ser traçado(s) é ilustrativa, por um lado, da grande variedade de percursos e visões que os pesquisadores lusófonos têm; e, por outro lado, da sua capacidade de colaboração em prol do desenvolvimento egiptológico nesses dois países, apesar da diferença de posições e opiniões. Este volume conjunto é, precisamente, prova viva de que o desejo de colaboração e de solidificação da presença lusófona numa Egiptologia global é mais forte do que qualquer divergência teórica ou metodológica. É, pois, essencial sublinhar que nem todos os autores que contribuíram para este volume concordarão, parcialmente ou em absoluto, com a visão para o futuro da(s) Egiptologia(s) lusófona(s) proposta nesta introdução. E, crucialmente, isso é também representativo da própria diversidade de aproximações que existem dentro da Egiptologia em contextos lusófonos.⁵

Embora não seja muito conhecida em um contexto global, a Egiptologia produzida por pesquisadores de língua portuguesa continua a crescer, incluindo estudos de interesse e relevância para o campo como um todo.

³ Cf. Navratilova 2023.

⁴ Cf. Lemos 2022.

⁵ A par da pluralidade de abordagens teórico-metodológicas e das visões concernentes ao devir da(s) Egiptologia(s) expressas nas várias contribuições do presente volume, a diversidade subjacente ao mesmo plasma-se também no aspecto linguístico, onde se procurou respeitar a ortografia e sintaxe próprias do português falado e escrito em ambos lados do Atlântico, acolhendo essas diferenças como parte integrante das práticas acadêmicas dos/as investigadores/as envolvidos/as sem procurar uma uniformização que eventualmente se revelasse excessivamente impositiva.

Por exemplo, este é o caso da forte influência marxista na obra de Ciro Flamarion Cardoso (1942–2013), que resultou em diversas abordagens extremamente originais da sociedade egípcia antiga no Brasil em um contexto global dominado por descrições e catálogos (ver Frizzo 2018). Dessa forma, este projeto procura precisamente dar ênfase ao(s) futuro(s) não só da Egiptologia lusófona, mas através dela (e de outras tradições eruditas “periféricas”) também da Egiptologia como um todo. Nosso objetivo é trazer à tona o potencial da criatividade acadêmica característica de contextos de investigação não convencionais para o centro, movendo-se assim em direção a um campo mais equitativo através da centralização das periferias.

Nesta introdução, discutiremos o problema da “periferia” egiptológica no Brasil e em Portugal, questionando a utilidade e precisão de termos como “periferia” e “centro”. Igualmente, o capítulo explica a estrutura da obra, incluindo suas diferentes partes e capítulos. Esta introdução termina com uma discussão da importância de Egiptologias alternativas, especificamente do Brasil e de Portugal, para o desenvolvimento geral da disciplina.

Egiptologias lusófonas em contextos locais e globais

Não somos os primeiros a refletir sobre o papel de Egiptologias lusófonas, tanto em contextos locais como globais. Estamos conscientes do que já foi publicado;⁶ ao mesmo tempo, pretendemos levar a questão adiante, pela primeira vez refletindo sobre práticas egiptológicas em língua portuguesa em conjunto, assim alargando perspectivas e metodologias. Nesse contexto, é preciso ressaltar que as Egiptologias lusófonas não se fazem apenas em língua portuguesa. Por exemplo, alguém que faça o seu percurso formativo e/ou publique fora do espaço lusófono não deixa de ser lusófono.

No contexto local, Rennan Lemos escreveu sobre o desenvolvimento da Egiptologia no Brasil em 2014, realçando que longe de uma disciplina con-

⁶ Ver referências abaixo.

solidada (embora já existissem espaços e estruturas institucionais dedicados à formação egiptológica), a Egiptologia brasileira era composta de intervenções contínuas adicionadas por egiptólogos em formação à base da disciplina no país construída por acadêmicos como Ciro Flamarion Cardoso e Emanuel Araújo (Lemos 2014).⁷ A Egiptologia brasileira continuou crescendo; hoje há mais centros de estudo e pesquisa dedicados ao Egito antigo, assim como um número significativo de pesquisadores/as no país (ver o capítulo de Vasques e Núñez no Volume II desta obra), embora a disciplina brasileira continue sendo vista como inferior àquelas praticadas na Europa e nos Estados Unidos. Lemos realçou a necessidade de colaboração na Egiptologia do Brasil e o presente livro deve ser visto como fruto de tais esforços.⁸

Relativamente ao outro “contexto local” a que esta obra se refere, isto é, o português, várias têm sido as contribuições que visam pensar a história, evolução e dinâmicas de desenvolvimento da(s) Egiptologia(s). Após uma primeira reflexão crítica de Maria Helena Trindade Lopes (Lopes 1989) sobre a realidade dos estudos pré-clássicos em Portugal no fim do século XX, Luís Manuel de Araújo assinou um artigo onde traçou uma visão geral dos caminhos trilhados pela(s) Egiptologia(s) portuguesa(s), incluindo a formação de diversas coleções de artefatos egípcios em Portugal, assim como o desenvolvimento de programas de formação egiptológica no país⁹ (Araújo 2000). Pontos importantes incluem a formação de egiptólogos/as portugueses/as fora do país devido à falta de especialização em Portugal e a necessidade de divulgação de pesquisas científicas para o público geral. Seguiram-se dois pequenos artigos incluídos nas atas do oitavo Congresso Internacional de Egiptólogos (ICE, na sigla inglesa), um dos quais de au-

⁷ É preciso notar que o autor já não concorda inteiramente com o que escreveu no referido texto, preferindo seguir a abordagem de John Baines, que entende a Egiptologia como um exemplo de uma “área de estudo” (*area studies*) ao invés de uma “disciplina” em si mesma; ver Baines 2020.

⁸ Para a mais recente colaboração da Egiptologia brasileira (e neste caso também latino-americana), ver Vasques e Canto Núñez 2025.

⁹ Para uma (re)avaliação mais recente do panorama das formações egiptológicas em contexto acadêmico português ver Sales 2023, bem como o capítulo de Borges Pires e Torres no Volume II desta obra.

toria de Francisco Caramelo e Maria Helena Trindade Lopes, que procura aferir as principais áreas de desenvolvimento da Egiptologia em Portugal, centrando a análise nos trabalhos levados a cabo na Universidade NOVA de Lisboa (Caramelo e Lopes 2003), incluindo o ensino do Egito antigo, a colaboração com egiptólogos/as estrangeiros/as e museus locais, a publicação de estudos egiptológicos e a escavação portuguesa no palácio de Apries em Mênfis (ver Lopes no Volume II desta obra); já o capítulo de Araújo e Carreira no mesmo volume demonstra a diversidade de estudos desenvolvidos no país e expressa a esperança de que a disciplina continue crescendo em Portugal ao longo dos anos (Araújo e Carreira 2003). Mais recentemente, Isabel Gomes de Almeida mapeou um percurso dos estudos da Ásia Ocidental e Norte de África na academia portuguesa, tecendo igualmente alguns comentários relacionados com a prática egiptológica no país (Almeida 2020). Por fim, cabe ainda mencionar um outro contributo de Maria Helena Trindades Lopes no qual a autora centra a consideração da Egiptologia portuguesa a partir da sua própria experiência (Lopes 2023).

Apesar de serem geralmente excluída(s) do discurso egiptológico dominante, a(s) Egiptologia(s) produzida(s) em língua portuguesa aparecem em algumas obras publicadas no Norte Global — mas apenas focadas no panorama brasileiro. No caso português, tal não se verifica.¹⁰ Há pelo menos duas

¹⁰ Importa, contudo, referir que a ausência de um capítulo voltado para as Egiptologias portuguesas é explicitamente lamentada por Langer, editor da obra *Global Egyptology* (Langer 2017b, xiv). Acrescente-se ainda que o mesmo endereçou um convite a Guilherme Borges Pires para contribuir um capítulo subordinado a essa temática para a segunda iteração do projecto, texto esse que já foi submetido e aceite para publicação. Tal fato atesta uma progressiva, embora ainda incipiente, atenção face às práticas egiptológicas exercidas em contexto português por parte de agentes do suposto “centro egiptológico”. Paralelamente, a ausência portuguesa em trabalhos de referência no tocante à história da(s) Egiptologia(s) pode ainda constatar-se pelo fato da única personalidade minimamente relacionada com o campo do saber em Portugal mencionada na obra *Who was Who in Egyptology* ser, na realidade, um magnata de ascendência arménia, nascido no Império Otomano, que, por circunstâncias diversas, se viria a estabelecer em solo português como refugiado político durante a II Guerra Mundial, deixando as suas vastas coleções — onde se incluem diversos artefatos antigo-egípcios — a cargo de uma fundação homônima sediada em Lisboa (cf. Bierbrier 2019, 198). De igual modo, a coleção patente no Museu Calouste Gulbenkian é a única portuguesa mencionada no *Atlas* de Baines e Málek, embora a sua dimensão seja reduzida quando comparada com outros acervos nacionais (Baines e Málek

obras coletivas onde figuram capítulos dedicados às Egiptologias brasileiras: *Global Egyptology* e *Towards a History of Egyptology* (Langer 2017a; Navratilova et al. 2019). Em *Global Egyptology*, Thais Rocha da Silva fala sobre o interesse brasileiro no Egito antigo, considerando o contexto histórico e cultural brasileiro, principalmente as origens do interesse no Egito antigo que podem ser ligadas ao imperialismo de Portugal e D. Pedro II. Essa ligação é em si um resultado do monopólio europeu (atualmente, também norte-americano) da Egiptologia e suas origens no colonialismo. Nesse capítulo, discorre sobre as dificuldades de fazer Egiptologia no Brasil, realçando a influência de ideias antiquadas importadas da Europa e a falta de suporte institucional, que continua em grande parte ainda hoje (Silva 2017). Em *Towards a History of Egyptology*, Thais Rocha da Silva de novo discorre sobre o privilégio europeu no estudo da Egiptologia, assim como o potencial de uma Egiptologia “tropical” desenvolvida no Brasil (Silva 2019). Embora extremamente importantes para a visibilidade da Egiptologia brasileira no contexto mundial, esses capítulos não apresentam a totalidade das teorias e metodologias usadas na Egiptologia brasileira. Muitas vezes tais teorias e metodologias diferem de tradições dominantes na Egiptologia, como por exemplo a teoria social, principalmente marxista¹¹ (Silva 2017) e o método hipotético-dedutivo, usados no Brasil desde a década de 1980 (por exemplo por Ciro Cardoso, que estudou a economia do Egito antigo) (ver Frizzo 2017) e apenas agora incorporados em outras tradições egiptológicas.

Centros e periferias egiptológicas?

Por que a produção Egiptológica lusófona é considerada periférica? Podemos falar de “periferia” quando a investigação produzida em contex-

2000, 225; cf. Araújo 2000 e respectivo capítulo no presente volume). Note-se, portanto, que as poucas menções à Egiptologia em contexto português em tais obras de referência se referem a um indivíduo abastado que manteve fortes laços comerciais com potências económicas como Reino Unido, França e EUA, que coincidentemente (ou não) formam parte do dito “centro” da *praxis* egiptológica.

¹¹ Cf. Frizzo 2018.

tos lusófonos é comparável, em termos de qualidade, àquela produzida nos “centros”? E como exatamente se conceitua “centro” e/ou “periferia”? Que critérios são apresentados para estabelecer tal distinção? E quem os definiu em primeiro lugar?

A oposição centro/periferia, que pode ser considerada como tendo origem nas teorias da Dependência e na teoria do Sistema-Mundo (Wallerstein 2004) que hoje em dia são muitas vezes desconstruídas na base da teoria pós-colonial (e.g., Lemos 2023), continua sendo usada para descrever a realidade da Egiptologia. Isto é devido em grande parte ao fato de que a maioria dos/as leitores/as fora de contextos lusófonos não leem português, e que a disciplina funciona, até os dias de hoje, como pilar de suporte de colonialidade acadêmica. Isto é, a disciplina nasceu para se apropriar e produzir conhecimento sobre o Egito usado para legitimar a Europa como dona do mundo e de sua história antiga. Além disso, como já mencionado por Christian Langer no livro coletivo *Global Egyptology*, são várias as desigualdades socioeconômicas que perpetuam esse sistema classificatório que separa centros de periferias, e que dificultam enormemente para acadêmicos e instituições da chamada “periferia” ter acesso a recursos, como bibliotecas e arquivos, bolsas para financiar projetos e pesquisas individuais, eventos acadêmicos do “centro” e assim por diante (Langer 2017b).

Fizemos questão de que o livro em si fosse escrito em português, um passo adiante contra a ideia de que para se fazer Egiptologia de ponta dependemos das línguas de colonizadores do saber. Cada capítulo inclui um resumo em inglês para garantir que estrangeiros/as possam identificar capítulos de interesse e para que o livro possa fazer parte do contexto egiptológico internacional. Mantendo os próprios capítulos em português, esperamos demonstrar que as hierarquias linguísticas não deveriam ter lugar na Egiptologia.¹² Esse tipo de hierarquização de estudos escritos em diferentes idiomas é uma realidade há muito tempo no campo da Egiptologia, e a maioria das suas ramificações negativas têm vindo a ser particu-

¹² Cf. Silva 2019.

larmente sentidas no respeitante à produção egiptológica em árabe (ver Hanna 2025). A falta de visibilidade dos estudos escritos em árabe é particularmente problemática, uma vez que é a língua nativa do país cuja cultura antiga estudamos, mas também é um problema para outras línguas, incluindo o português. A existência de uma crescente produção acadêmico-egiptológica em língua portuguesa (e, também, de falantes de língua portuguesa em outras línguas, como o inglês) não pode ser ignorada, nem os seus contributos para o estudo de fontes, realidades e problemáticas provenientes do Nordeste africano, menosprezados. Para além de propormos colaborações entre as ditas periferias e o Norte Global, proposto como elemento essencial ao desenvolvimento da Egiptologia no Brasil por Thais Rocha da Silva, seria interessante pensar em possibilidades outras, colaborações Sul-Sul, em português e em árabe (e outras línguas do Sul Global).

Embora relegada para uma suposta “periferia”, a produção académica em língua portuguesa é recorrentemente apresentada e discutida em amplas reuniões científicas, no Brasil e em Portugal, como na anual Semana de Egiptologia do Museu Nacional (SEMNA) no Rio de Janeiro e diversos eventos temáticos em Portugal. Mas esta produção académica também é divulgada fora destes espaços, adentrando outros onde habitualmente se perspectiva o “centro” da produção de saber. Artigos por investigadores/as lusófonos/as já foram publicados em revistas científicas com grande visibilidade mundial, como *Journal of Egyptian Archaeology*, *Antiquity*, *Cambridge Archaeological Journal*, *Current Anthropology*, *Journal of the American Research Center in Egypt, Sudan & Nubia*, *World Archaeology*, *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, *African Archaeological Review*, *Art Bulletin*, entre outros.¹³ Livros escritos por académicos/as lusófonos/as também já foram publicados em diversos países geralmente considerados no “centro” da Egiptologia, como o Reino Unido, a França, os Estados Unidos e a Alemanha, entre outros.¹⁴ Paralelamente, as Egiptologias lusófonas apresentam abordagens interdisciplinares e teóricas inovadoras, plasmadas em contribuições múltiplas.

¹³ Com base em dados retirados dos CVs públicos dos pesquisadores presentes nesta obra.

¹⁴ Com base em dados retirados dos CVs públicos dos pesquisadores presentes nesta obra.

tiplas e diversas como escavações arqueológicas, trabalhos de museu, estudos de língua e gramática, estudos de recepção, entre outros. Consideramos importante realçar que o primeiro projeto arqueológico no Egito de direção luso-brasileira, o *Projeto de Documentação da Mastaba de Akhmerutnisut* (MAD-P, na sigla inglesa), é localizado em Guiza (possivelmente o sítio arqueológico mais icónico do Egito), assim colocando pesquisadores/as de língua portuguesa numa posição de grande visibilidade e centralidade, não só no panorama atual da arqueologia egípcia como na historiografia de um dos sítios arqueológicos mais famosos do mundo. Infelizmente, não foi possível às diretoras do projeto (Inês Torres e Luiza Osorio G. Silva) contribuir com um capítulo sobre o mesmo para este volume editado, tendo em conta que a primeira campanha ocorreu, apenas, em dezembro de 2023 (ver Torres et al. 2025; Torres et al. no prelo).

Atualmente, não se pode negar a existência de Egiptologias produzidas em língua portuguesa. Essas pesquisas, pensadas e/ou conduzidas em português, muitas vezes sugerem perspectivas distintas aplicadas ao Vale do Nilo antigo. Tais perspectivas podem incluir releituras de um *modus operandi* egiptológico tradicional, ou mesmo combinações criativas de modos de pensar e fazer alternativos. Como resultado, outras histórias das civilizações do Vale do Nilo emergem com base em abordagens diferentes da cultura material, dos documentos textuais e das imagens produzidas pelos antigos.

Estrutura da obra

Esta publicação congrega vários/as egiptólogos/as oriundos/as do espaço lusófono, reunindo diversos/as investigadores/as de língua portuguesa dedicados/as ao estudo do Egito e da Núbia antigos. Embora nossos/as autores/as sejam originários/as desses dois países, muitos/as deles trabalham no exterior, nomeadamente, nos Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, França, Egito e Sudão. Parte do nosso objetivo era colocar académicos/as de língua portuguesa trabalhando em diferentes contextos e países em diálogo, talvez levando a colaborações que poderiam não ter ocorrido de

outra maneira. Nossos/as autores/as também vêm de diferentes formações: alguns/mas ainda estão concluindo seus estudos; outros/as ocupam cargos acadêmicos em universidades; alguns/mas trabalham em museus; outros/as são pesquisadores/as independentes; e ainda outros/as são egiptólogos/as que agora trabalham em outros setores. Ao convidar egiptólogos/as lusófonos/as de diferentes formações para contribuir para esta discussão de pesquisas passadas e atuais, esperamos ajudar o campo a mover-se em direção a uma Egiptologia mais colaborativa.

Os capítulos do livro resultam do trabalho de pesquisa realizado por brasileiros/as e portugueses/as espalhados/as por todo o globo, traduzindo assim a pluralidade de percursos que caracterizam as Egiptologias lusófonas. As suas pesquisas lidam com temas variados e partem de pressupostos teórico-metodológicos diversos. O objetivo desta publicação é enfatizar a diversidade — regional, temática, teórico-metodológica — que caracteriza as Egiptologias feitas no Brasil e em Portugal e, ao mesmo tempo, contribuir para a consolidação dos estudos sobre as civilizações do Egito e Núbia em países lusófonos, num contexto de expansão da História Global, de perspectivas pós-coloniais nas ciências humanas e de recentes debates sobre parcerias e cooperação no contexto acadêmico internacional.

O primeiro volume da obra inclui capítulos diversos sobre diferentes perspectivas teóricas e metodológicas em português. Como parte do nosso objetivo é que este livro sirva como uma espécie de manual para o estudo do Egito antigo em países de língua portuguesa, esses capítulos consistem em visões gerais do estado-da-arte de tópicos metodológicos e teóricos específicos. O fato de serem escritos por estudiosos/as de origem lusófona significa que muitas vezes oferecerão perspectivas que se somarão às práticas comuns à Egiptologia conduzidas em outros países. Os capítulos nesta parte do livro cobrem tópicos tão diversos como arqueologia, materialidade, arquitetura, arte egípcia, filologia e traduções, assim como teorias como a pós-colonial e decolonial, a história “vista de baixo” e “de cima”, e gênero. Procuramos ser o mais abrangentes possível, ao mesmo tempo privilegiando os tópicos de especialização de estudiosos/as em contextos lusófonos.

O segundo volume da obra inclui duas partes: a primeira discute contribuições e reflexões egiptológicas no Brasil e a segunda em Portugal. Cada parte contextualiza a produção Egiptológica lusófona em ambos os países, com discussões sobre formações egiptológicas e a recepção do Egito no Brasil e em Portugal. Este volume também inclui capítulos sobre escavações brasileiras e portuguesas no Egito, uma área de profunda inovação. José Roberto Pellini, o autor do capítulo sobre escavações brasileiras, desenvolveu um trabalho original sobre arqueologia sensorial e vem produzindo resultados interessantes no projeto de escavação em Luxor que foram publicados em revistas internacionais (e.g., Pellini et al. 2023; Pellini no volume II desta obra).¹⁵ Tais perspectivas são novas em Egiptologia, não só no contexto lusófono, mas também no contexto global, e ao destacá-las aqui buscamos enfatizar a importância desses estudos para a Egiptologia como um todo. Igualmente, o primeiro projeto de campo português no Egito, liderado por Maria Helena Trindade Lopes, melhor conhecido devido à sua importância no cenário lusófono, também é discutido pela autora no Volume II desta obra.

Além de discussões sobre formações egiptológicas e projetos em andamento, este segundo volume aborda a história do desenvolvimento das coleções egípcias no Brasil e em Portugal. Além disso, toma a iniciativa de reunir breves descrições das coleções públicas e/ou acessíveis de objetos egípcios no Brasil e em Portugal, muitas delas extensas e com objetos importantes que nem sempre são publicados. Tais coleções incluem as do Museu Nacional de Arqueologia, Gulbenkian, Reitoria do Porto e Museu da Farmácia (Lisboa) em Portugal, e do Museu Nacional (UFRJ), Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), Casa-Museu Eva Klabin, Museu de Arte de São Paulo, Museu Mariano Procópio e Museu Egípcio e Rosacruz no Brasil. Esta parte do livro poderá assim ser utilizada como um catálogo preliminar

¹⁵ Pesquisas semelhantemente heterodoxas também foram desenvolvidas pela equipe brasileira envolvida no Projeto Neferhotep, atualmente uma missão brasileira, também em Luxor, o que revela o potencial de formas locais de pensar o Egito antigo de uma maneira diversa; ver Lemos et al. 2017.

para investigação, novamente não só em contextos lusófonos, mas também fora deles. Esta seção do livro também inclui reflexões sobre museus e educação, bem como sobre diferentes tecnologias e como elas podem ser usadas para aumentar nosso conhecimento do passado. Nossos/as autores/as enfatizam a necessidade de acadêmicos/as se comunicarem com o público geral sobre suas pesquisas, algo especialmente relevante com a diminuição do interesse institucional e financiamento para as humanidades em um nível global.¹⁶

Com este livro, esperamos fornecer um panorama útil e informativo das Egiptologias nos países de língua portuguesa e por investigadores/as de língua portuguesa, consolidando ainda mais a disciplina nesses contextos e contribuindo para a discussão internacional sobre como a Egiptologia deve avançar nos próximos anos.

Conclusão: rumo a uma Egiptologia mais criativa e acolhedora

A Egiptologia não é de forma alguma uma disciplina homogênea ou historicamente linear. Ao contrário, esse campo do saber desenvolveu-se por caminhos intrincados e diversos, apresentando variações significativas, tanto sincrônica quanto diacronicamente. A heterogeneidade de perspectivas e práticas egiptológicas surgidas em diferentes latitudes poderá favorecer uma pluralização conceitual: em vez de se referir a “Egiptologia”, o termo “Egiptologias” deveria ser usado, indo cada vez mais ao encontro de uma percepção mais dilatada do que se trata esta disciplina (Baines 2020).

Pensar sobre Egiptologias lusófonas é refletir sobre o lugar e atuação das Egiptologias em escala global. Este projeto visa uma verdadeira diversidade, em que não se negam critérios de exclusão/inclusão, mas em que estes são tomados em toda a sua complexidade. Pretende-se assim dar a conhecer o trabalho feito nesses espaços, habitualmente negligenciados

¹⁶ Tais iniciativas de divulgação da Egiptologia em língua portuguesa incluem o perfil no Instagram *Uma egiptóloga portuguesa* (@umaegiptologaportuguesa) e o podcast *Três egiptólogos entram num bar* (@3egiptologuespodcast), desenvolvidas por alguns dos editores desta obra.

pelos tradicionais centros de produção egiptológica no Atlântico Norte. Apesar de localizados numa suposta “periferia egiptológica”, os trabalhos desses investigadores incluem escavações arqueológicas, trabalhos em acervos de museus, língua e gramática egípcias, percepções sobre/do Egito antigo nas sociedades contemporâneas brasileira e portuguesa, entre outros. A ideia é desconstruir esta ideologia, questionando a relação entre “centro” e “periferia”.

Juntamente com a dicotomia “centro/periferia”, o foco nas Egiptologias de língua portuguesa também pode ser produtivo para desafiar outro binário conceitual, o “colonizador/colonizado”. Portugal é uma antiga potência colonial, e o Brasil um antigo território colonizado pelo primeiro. Apesar de ter os critérios históricos e geográficos que tradicionalmente têm facilitado a ascensão de um determinado país ao núcleo da disciplina — ou seja, um passado colonial e uma localização geográfica no Norte Global — Portugal não assumiu uma posição de liderança no que diz respeito à produção egiptológica. Da mesma forma, a posição do Brasil como uma ex-colônia no Sul Global não pode ser apresentada como um critério abrangente para abordar as complexas realidades das Egiptologias brasileiras. Portanto, *Egiptologias Luso-brasileiras* oferece um lembrete importante de que, embora o Norte e o Sul sejam histórica e geograficamente diferentes, também existem discrepâncias internas significativas dentro dessas realidades geográficas e ideológicas. Não obstante as contingências históricas e o impacto na produção de conhecimento e epistemologia decorrentes do binômio “colonizador/colonizado”, as trajetórias das Egiptologias de língua portuguesa indicam que tal binarismo não é suficiente para abordar plenamente as realidades multifacetadas e hifenizadas da Egiptologia como um todo.

Em 2014, Rennan Lemos comparou a Egiptologia brasileira ao templo de Karnak — no sentido de que, assim como Karnak, a Egiptologia brasileira foi construída sobre uma base sólida, mas não de forma alguma concluída. Tal como o templo foi constantemente ampliado por gerações e gerações de reis egípcios, a Egiptologia brasileira precisaria continuar crescendo para se manter relevante e influente. Esse crescimento precisa-

va ser feito de forma colaborativa. Além da analogia do templo de Karnak, ao pensar no potencial da Egiptologia de língua portuguesa (neste caso particularmente brasileira) para o campo como um todo, também é útil recorrer ao incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro em 2 de setembro de 2018. No dia seguinte, em 3 de setembro de 2018, pesquisadores/as do Museu Nacional já se reuniam do lado de fora do prédio para planejar o resgate do acervo (von Seehausen et al. 2024; von Seehausen et al. no Volume II desta obra). Muitos/as deles/as eram arqueólogos/as, então a resposta era óbvia: eles/elas iriam escavar, e assim recuperar o que era recuperável, preservando seu contexto e assim reconstruindo o museu sala por sala. Embora as perdas sejam irreparáveis, muitos objetos egípcios foram recuperados. Esses objetos agora estão sendo considerados de maneiras novas por meio de análises científicas e modelagem tridimensional. Em vez de apagar a destruição, os/as pesquisadores/as do museu a consideram uma parte vital da história desses objetos e a usam para pensar sobre os objetos egípcios não apenas em seus contextos antigos, mas também em seus contextos modernos. Em vez de apagar, o objetivo aqui é reconstruir — algo que alinha com movimentos decoloniais que buscam promover a cura, inclusive por meio da cooperação com comunidades locais (Lemos 2023).

A utilização do incêndio como metáfora da Egiptologia brasileira é certamente menos otimista do que a comparação com o templo de Karnak. Mas parece-nos adequado, pois representa a luta por infraestrutura e a suposta inferioridade da disciplina no Brasil, que também está entrelaçada com seu passado colonial e os legados do eurocentrismo no país. A comparação também deixa claro que, com colaboração e pensamento criativo, a Egiptologia brasileira tem potencial para realmente florescer como algo não tradicional. O mesmo pode ser dito sobre a Egiptologia em Portugal. Esta criatividade e dinamismo podem também contribuir para a Egiptologia convencional, ajudando assim nosso campo a avançar e se curar também. Acreditamos que este processo de cura só se poderá fazer a partir de uma colaboração multivocal, aceitando que nem todas as vozes se articulam em uníssono, mas que todas formam parte da construção da pluralidade das Egiptologias luso-brasileiras. Este livro é, pois, não uma

tentativa de uniformização do pensamento, perspectivas e visões, mas antes um abraço à diversidade e à cooperação.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Isabel Gomes de. 2020. "Ancient Near Eastern Studies and the Portuguese Academia: A Love-affair Under Construction." In *Perspectives on the History of Ancient Near Eastern Studies*, editado por A. García-Ventura e L. Verderame, 222–36. Pennsylvania: Eisenbrauns.
- Araújo, Luís Manuel de. 1993. *Antiguidades Egípcias*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura; Instituto Português de Museus.
- Araújo, Luís Manuel de. 2000. "Egiptologia em Portugal." *CADMO* 10: 57–94.
- Araújo, Luís Manuel de, e José Nunes Carreira. 2003. "L'Égyptologie au Portugal: le passé et le futur." In *Egyptology at the Dawn of the Twenty-first Century. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists. Volume 3: Language, Conservation, Museology*, editado por Z. Hawass, 275–80. Cairo: American University in Cairo Press.
- Baines, John. 2020. "What is Egyptology?" <https://www.thebritishacademy.ac.uk/blog/what-is-egyptology/> (acesso em 23/01/2025).
- Baines, John, e Jaromír Málek. 2000. *Cultural Atlas of Ancient Egypt*. New York: Checkmark Books.
- Bednarski, Andrew, Aidan Dodson, e Salima Ikram. 2021. *A History of World Egyptology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bierbrier, M. L. 2019. *Who was Who in Egyptology*. London: Bloomsbury Publishing.
- Caramelo, Francisco, e Maria Helena Trindade Lopes. 2003. "Portuguese Egyptology: New Projects, Museum Studies and Publications." In *Egyptology at the Dawn of the Twenty-first Century. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists. Volume 3: Language, Conservation, Museology*, editado por Z. Hawass, 153–56. Cairo: American University in Cairo Press.
- Frizzo, Fábio. 2017. "Ciro Cardoso e a economia pré-capitalista: traços de um intelectual sistematicamente polêmico." *Sociedades Precapitalistas* 6 (2): e015.
- Frizzo, Fábio. 2018. "Global Egyptology: Negotiations in the Production of Knowledges on Ancient Egypt in Global Context." *Archaeological Review from Cambridge* 33 (1): 188–92.
- Gertzen, Thomas. 2020. "Some Remarks on the 'De-colonization' of Egyptology." *Göttinger Miszellen* 261: 189–203.
- Hanna, Monica. 2025. *The Future of Egyptology*. London: Melville House.
- Jurman, Claus. 2022. *Pharaoh's New Clothes. On (Post)colonial Egyptology, Hypocrisy, and the Elephant in the Room*. Heidelberg: Propylaeum.
- Langer, Christian, ed. 2017a. *Global Egyptology: Negotiations in the Production of Knowledges on Ancient Egypt in Global Contexts*. Oxford: Oxbow.
- Langer, Christian. 2017b. "Introduction: Perspectives of Egyptologies and on Egyptologies in a Globalised World." In *Global Egyptology: Negotiations in the Production of Knowledges on Ancient Egypt in Global Contexts*, editado por C. Langer, xiii–xxiii. London: Golden House Publications.
- Langer, Christian, e Uroš Matic. 2023. "Postcolonial Theory in Egyptology: Key Concepts and Agendas." *Archaeologies: Journal of the World Archaeological Congress* 19: 1–27.

- Lemos, Rennan. 2014. "Introdução: Panorama da Egiptologia no Brasil." In *O Egito Antigo: Novas Contribuições Brasileiras*, editado por Rennan Lemos, 20–37. Rio de Janeiro: Luminária Academia.
- Lemos, Rennan. 2022. "Arte egípcia para brasileiros." *Topoi* 23 (49): 340–43.
- Lemos, Rennan. 2023. "Can We Decolonize the Ancient Past? Bridging Postcolonial and Decolonial Theory in Sudanese and Nubian Archaeology." *Cambridge Archaeological Journal* 33 (1): 19–37.
- Lemos, Rennan, Pedro L. Von Seehausen, Marialaura di Giovanni, Marcella Giobbe, Olivia Menozzi, e Antonio Brancaglion. 2017. "Entangled Temporalities in the Theban Necropolis: A Materiality and Heritage Approach to the Excavation of Theban Tomb 187." *Journal of Eastern Mediterranean Archaeology & Heritage Studies* 5 (2): 178–97.
- Lopes, Maria Helena Trindade. 1989. "Hora Zero – A realidade portuguesa no domínio da Antiguidade Pré-Clássica." *Penélope* 2: 143–49.
- Lopes, Maria Helena Trindade. 2023. "The History of Egyptology in Portugal." In *Ancient Egypt 2021. Perspectives of Research*, editado por Susana Moser, Joanna Popielska-Grzybowska, Jadwiga Iwaszczuk, e Carlo Ruo Redda, 95–103. Warszawa: IKSIO Pan.
- Moreno García, Juan Carlos. 2014. "The Cursed Discipline? The Peculiarities of Egyptology at the Turn of the Twenty-first Century." In *Histories of Egyptology: Interdisciplinary Measures*, editado por W. Carruthers, 50–63. London: Routledge.
- Navratilová, Hanna, Thomas L. Gertzen, Aidan Dodson, e Andrew Bednarski, eds. 2019. *Towards a History of Egyptology: Proceedings of the Egyptological Section of the 8th ESHS Conference in London, 2018*. Münster: Zaphon.
- Navratilová, Hanna, Thomas L. Gertzen, Marleen De Meyer, Aidan Dodson, e Andrew Bednarski. 2023. *Addressing Diversity: Inclusive Histories of Egyptology*. Münster: Zaphon.
- Pellini, José Roberto, Maria Bernarda Marconetto, e Lucas Gheco. 2023. "How to Avoid the Trick? Heritage Discussions from Theban Tomb TT123, Luxor (Egypt)." *Current Anthropology* 64 (4): 410–31.
- Sales, José das Candeias. 2023. "O ensino universitário do Egito antigo em Portugal." *Revista História Hoje* 12 (24): 235–52.
- Silva, Thais Rocha da. 2017. "Tropical Egypt: The Development of Egyptology in Brazil and its Future Challenges." In *Global Egyptology: Negotiations in the Production of Knowledges on Ancient Egypt in Global Contexts*, editado por C. Langer, 161–72. London: Golden House Publications.
- Silva, Thais Rocha da. 2019. "Brazilian Egyptology: Reassessing Colonialism and Exploring Limits." In *Towards a History of Egyptology: Proceedings of the Egyptological Section of the 8th ESHS Conference in London, 2018*, editado por Hana Navratilova, Thomas L. Gertzen, Aidan Dodson, e Andrew Bednarski, 127–46. Münster: Zaphon.
- Torres, Inês, Luiza Osorio G. Silva, Guilherme Borges Pires, Maarten Praet, Mohamed Youssef Sedek, Mohamed Khalifa, Yasser Kamal Hefni. 2025. "Regressar ao túmulo: a primeira campanha do *Projecto de Documentação da Mastaba de Akhmerutnisut* (G 2184, Guiza, Egito)." *Ophiussa* 9: 165–95.
- Vasques, Marcia Severina, e Pedro Hugo Canto Núñez, eds. 2025. *Egito Antigo na América Latina: A IV conferência de Egiptologia latino-americana*. Ananindeua: Editora Cabana.
- von Seehausen, Pedro Luiz, Tamires Machado, Marina Buffa César, Ana Luiza Castro Amaral, Murilo Quintans Ribeiro Bastos, e Claudia Rodrigues-Carvalho. 2024. "Preliminary Report on the Salvage Excavation in the Egyptian Section at the National Museum of Rio De Janeiro." *Journal of Egyptian Archaeology* 110 (1–2): 163–76.
- Wallerstein, Immanuel. 2004. *World-Systems Analysis: An Introduction*. Durham: Duke University Press.